

Resenhas

mulheres anarquistas | lúcia soares*

Margareth Rago. *Anarquismo e feminismo no Brasil. Audácia de sonhar: memória e subjetividade em Luce Fabbri*. 3ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, Achiamê, 2007, 90 pp.

Margareth Rago é uma mulher anarquista, livre docente e professora de História da Unicamp; atua no Centro de Cultura Social de São Paulo. É uma valiosa pesquisadora que dirigiu seu olhar para as mulheres anarquistas.

O livro *Anarquismo e Feminismo no Brasil*, mostra-nos o quanto foi e ainda é difícil encontrar uma bibliografia específica sobre o tema feminismo e anarquismo. Apesar de haver uma bibliografia vasta sobre o movimento feminista e sobre suas mulheres exponenciais, são poucas as obras que pretendem dar conta do papel das mu-

* Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP, pesquisadora no Nu-Sol, Professora de Sociologia na Unisa Digital.

lheres anarquistas. Daí a importância do livro de Margareth Rago, ao mostrar com delicadeza e contundência duas dessas mulheres: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbrì. Poderíamos simplesmente dizer que o livro *deve* ser lido por trazer informações históricas imprescindíveis, mas isso seria pouco, superficial e diminuiria sua singularidade.

Ganhamos um presente do editor do livro, Robson Achiamé, um dos poucos que realmente se dedica a publicar obras da cultura libertária e anarquista atual, com destaque para a revista *Letralivre*. O incansável Achiamé nos propicia um encontro e diálogo não apenas com a autora, mas com tantas mulheres libertárias — algumas ilustres desconhecidas — que fizeram história, experimentações, anarquizaram, sonharam e lutaram pela emancipação das mulheres. Por isso, desde a apresentação do livro, Margareth Rago sublinha o fato do editor querer republicar *Anarquismo e Feminismo no Brasil*, escrito em 1994, o que a levou a introduzir o artigo complementar sobre Luce Fabbrì, chamado: “Audácia de sonhar: memória e subjetividade em Luce Fabbrì”. Rago permanece inquieta com a pouca visibilidade das experiências e experimentações femininas, principalmente das mulheres libertárias, que nas primeiras décadas do século XX contribuíram com suas idéias, atuações e lutas no interior do movimento operário, ajudando a promover manifestações, greves e efervescências nos centros de culturas sociais.

É importante ressaltar também que a “história” do movimento feminista, relatada por pesquisadores e pesquisadoras, muitas vezes não contemplou, omitiu ou esqueceu das mulheres libertárias. Nela não faltam Nísia Floresta e Bertha Lutz e suas colaborações nas lutas pelos direitos das mulheres que vão desde o sufrágio às garantias trabalhistas. Todavia, por meio de uma *ou-*

tra história, de um outro olhar, é que, neste livro de Margareth Rago, encontramos com mulheres anarquistas e outras tantas simpatizantes na sua luta constante pela emancipação feminina.

Nas primeiras décadas do século XX, mulheres operárias — muitas delas anarquistas — lutaram no meio político e sindical, reivindicando seus direitos de trabalhadoras, paralisando fábricas ou mesmo se manifestando politicamente nas ruas, resistindo ao assujeitamento cotidiano em que viviam.

Apesar de combativas, essas anônimas mulheres operárias foram alvo de agruras no interior do próprio movimento operário, quase sempre preconceituoso e machista em relação à combatividade feminina, pois se pensava que elas não tinham habilidade para se organizar e lutar, e que suas resistências eram fatos isolados ao próprio movimento.

Mesmo alvo de preconceitos e descasos do movimento anarquista e do movimento operário não é isto que está em jogo, mas como afirma a autora: “de trabalhar, penso eu, o registro feminino desta experiência, o olhar daquelas que se viam diferenciadamente excluídas, diferenciadamente oprimidas, numa profunda busca de interação social e de integração cultural” (p. 17). Assim, Margareth Rago observa o relevante papel da imprensa libertária ao produzir um outro olhar a respeito da emancipação da mulher e que deu “voz” para as mulheres libertárias escreverem artigos contestadores de sua situação social.

Dentre as mulheres que naquela época escreviam artigos e livros sobre as idéias libertárias e feministas, destacou-se Maria Lacerda de Moura, apresentada de maneira surpreendente por Rago. Com ela experimentamos não apenas o fascínio que a escritora anarquista

Mulheres anarquistas

exerce, mas compreendemos quem foi essa mulher livre e o que a aproximava do movimento feminista libertário: suas ousadas e loucuras *gritam* até os dias de hoje.

Maria Lacerda de Moura teve um papel fundamental no discurso libertário feminino ao apontar em seus artigos e livros a opressão sofrida pelas mulheres em geral. Fundou em 1921 a FIF — Federação Internacional Feminina — e esteve próxima da feminista Bertha Lutz, até se afastarem por questões políticas e ideológicas, pois Maria Lacerda sempre foi contundente ao criticar temas das relações familiares, do casamento, do divórcio, do amor, que para ela deveria ser livre e não mais uma tragicomédia. Afastou-se definitivamente do movimento feminista quando este passou também a pregar a vida e a família cristã. Para Maria Lacerda de Moura as mudanças eram fundamentais e estas só aconteceriam quando homens e mulheres fossem iguais. Daí decorreu a discriminação e perseguição levada a cabo contra ela até o fim da sua vida. Em “Integração e Marginalização” (pp. 25-38), nos são apresentadas cinco mulheres anarquistas de diferentes gerações, a partir do encontro acontecido em “Outros 500: Pensamento Libertário Internacional”, realizado na PUC-SP em 1992. Margareth Rago se aproximou e entrevistou a italiana Luce Fabbri, a uruguaia Débora Céspedes, e as brasileiras Maria Valverde, Sônia Oiticica e Dora Valverde.

Luce Fabbri nasceu na Itália, em 1908, filha de Luigi Fabbri — amigo de Malatesta — e com apenas 21 anos de idade, esta jovem anarquista conseguiu um passaporte falsificado, embarcou num navio cargueiro e aportou no Uruguai. No exílio tornou-se professora universitária até ser afastada pelos militares em 1974, posto que retomou entre 1986 e 1991, escrevendo vários livros combatendo o fascismo e o totalitarismo. Débora Céspedes nasceu no Uruguai em 1921, poetisa e mili-

tante anarquista, teve sua vida marcada pela luta contra o regime ditatorial uruguaio.

Maria Valverde nasceu em 1916, em Piracicaba, interior de São Paulo, filha do imigrante espanhol anarquista José Valverde, que veio com a família para São Paulo e se integrou ao movimento anarquista a partir de 1945. Ela participou intensamente de peças teatrais no Centro de Cultura Social, assim como Sônia Oiticica, (nascida em 1923), filha do militante anarquista José Oiticica e Dora Valverde, nascida em 1941, em São Paulo e filha de Maria Valverde.

Todas estas cinco mulheres, segundo Margareth Rago, expressaram distintamente em suas entrevistas o significado do anarquismo em suas vidas, relembram suas infâncias e juventudes, e a convivência com importantes anarquistas. Como recorda Sônia Oiticica: “Meu pai reunia sempre, toda semana, os anarquistas em casa. Discutiam alto, forte, minha mãe sempre preparava depois um lanche para eles. Era muito simpático aquilo tudo, era o Manuel Perez, o Ideal que até hoje está aí” (p.32). Já para Dora Valverde, tudo foi diferente, suas recordações são outras e para ela o anarquismo não passa de uma utopia.

Em “Audácia de sonhar: memória e subjetividade em Luce Fabbri” (pp. 65-88), Margareth Rago resgata a história de vida da militante anarquista que não se considerava feminista. Para Rago, não só a própria vida de Luce Fabbri a aproximava do feminismo como era preciso desvendar esta mulher. “Queria saber como uma socialista libertária havia lutado contra os macros e os micropoderes, contra o fascismo italiano e a ditadura no Uruguai nos anos 70” (p.66). Margareth Rago entrevistou Luce Fabbri em várias ocasiões e isso colaborou

para a amizade e admiração profundas, derivadas da convivência e de habitar histórias narradas.

Contar a história de Luce Fabbri, para Margareth Rago, é também problematizar o papel da História e sua relação com a memória, isto porque, especificamente neste artigo, ela optou em trabalhar com a história oral, muitas vezes desprivilegiada em relação à história escrita. Seu ponto de partida foi o de elaborar uma “narrativa do passado” (p.73), e por isso trabalhou com os depoimentos como práticas discursivas numa perspectiva foucaultiana.

E assim, através de suas memórias, desfia a vida de Luce Fabbri em seus vários momentos, da admiração e encontros com Malatesta, da sua luta contra o fascismo italiano, da Guerra Civil Espanhola, lembrando-se especialmente de quando foi convidada por Federica Montseny para trabalhar nas escolas dos sindicatos vinculados à CNT — Confederação Nacional do Trabalho — preferindo permanecer em Montevidéu. Para Margareth Rago, a importância de Luce Fabbri está nas suas experiências femininas e anarquistas e no modo como contou e produziu sua própria história ao longo do século XX.

Com esse livro de Margareth Rago, ampliado nesta edição, principalmente as jovens saberão como atizar a liberdade para além de si próprias, fazendo a liberdade acontecer no presente sem enroscar-se em direitos ou delírios utópicos.